



Crônica da Cidade

por Severino Francisco >> severinofrancisco.df@dabr.com.br

>> (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

O cerrado nas paradas

É impressionante o poder da arte em imprimir cor, luminosidade, arejamento e humanidade aos espaços. Vi as paradas de ônibus do Manguelal revitalizadas por pinturas dos artistas Geovani Pedroso e Nivaldo Nunes, com representações da fauna e da flora do Cerrado e fiquei extasiado. São belas imagens em que repontam o fulgor do ipê-amarelo, a ferocidade serena do lobo-guará e a festa de cores das araras e dos tucanos.

Não são pinturas transplantadas para

as paredes. Os painéis têm a linguagem das ruas, mas com tintas de boa qualidade e duráveis. Estão em plena sintonia com as paradas. Elas tornam a espera do ônibus um momento mais agradável. Falo de cátedra, pois fui um usuário do transporte público durante muitos anos e só renunciei a essa condição pela violência que impera na Rodoviária do Plano Piloto e cercanias.

A revitalização das paradas é uma iniciativa do Instituto de Artes Nivaldo Nunes e da Associação dos Amigos dos Jardins Manguelal. Os moradores locais e os comerciantes bancaram todas as despesas. Foram revitalizadas 15 paradas de ônibus. É uma ação muito simples e reveladora de que não é tão difícil oferecer dignidade aos usuários de transporte público.

A experiência de Geovani e Nivaldo na revitalização dos espaços públicos começou em 2015, quando pintaram muros de escolas. E, para facilitar o trabalho, com o ideal de oferecer aulas de esportes, artes, cultura e música para crianças em situação de vulnerabilidade da Vila do Boa, uma comunidade de São Sebastião, eles fundaram o Instituto Nivaldo Nunes. Chegaram a atender 100 alunos nas oficinas de arte.

Em seguida, eles quiseram levar as pinturas de telas para as paredes dos pontos de ônibus, quase sempre sujos e degradados pelo vandalismo. Houve pontos em que precisaram reconstituir o cimento deteriorado. Pintaram paradas em São Sebastião, na Avenida do Sol, no Jardim Botânico e no Jardim Manguelal.

Levam para as paradas de ônibus um sinal de alegria, de civilidade, de cidadania e de pertencimento. O interessante é que as intervenções nos pontos são preservadas pela própria comunidade.

A iniciativa dos dois pintores me provocou a pensar no descaso com alguns lugares de uma cidade que é patrimônio cultural da humanidade. Vejamos como exemplo as passagens subterrâneas do Eixão. Cruzar aquela via é uma experiência dramática. Diariamente, milhares de trabalhadores, de pedestres e de ciclistas se expõem ao risco no Eixão. Além disso, as passagens são degradadas, sujas e perigosas.

Elas pedem uma ação conjunta que inclua reformas na estrutura e medidas de segurança. Quem passa por ali corre o

perigo de ser assaltado e, se não for, enfrenta a avalanche de carros. Nunca entendi por que sucessivos governos jamais fizeram um edital convocando, por meio de concursos, arquitetos, urbanistas e artistas plásticos para promover a integração arte-arquitetura, com painéis de azulejo e outras intervenções. Se isso fosse realizado, as passagens subterrâneas seriam lugares públicos agradáveis de transitar e visitar.

Em vez disso, estão promovendo uma investida temerária sobre as escalas bucólica e residencial de Brasília, por meio de uma série de projetos. As linhas-mestras dos criadores deveriam ser retomadas para uma revitalização que tornasse a cidade mais humana, mais bonita e mais segura.

Depois de liberação dos corpos de Olívia Makoski e Francisco Guembitzchi pelo IML, sepultamento será em São João (PR). Polícia aguarda conclusão de laudos periciais para definir dinâmica do crime, cometido no Pôr do Sol, mas segue com hipótese de feminicídio e suicídio

Casal será enterrado no Paraná



» CIBELE MOREIRA

A Polícia Civil aguarda o resultado de dois laudos periciais para desvendar um crime que chocou os moradores do Pôr do Sol, na casa dos empresários Olívia Makoski, 47 anos, e Francisco de Assis Guembitzchi, 55, no último domingo. A principal linha de investigação trata o caso como feminicídio seguido de suicídio. No entanto, os relatórios dos legistas que devem indicar a dinâmica do ocorrido ficam prontos só na próxima semana. Ontem, os corpos do casal foram liberados pelo Instituto de Medicina Legal (IML). Eles serão sepultados no município de São João (PR), onde ambos tinham parentes próximos.

Chefe da Delegacia Especial de Atendimento à Mulher (Deam) 2, Adriana Romana afirma não ser possível precisar o que se passou no dia do assassinato. “As provas objetivas colhidas pela perícia são importantes nesse caso, para tentar reconstruir o que aconteceu. Há muitos relatos dispersos”, comenta. As investigações demonstram que a violência teria começado com uma discussão entre o casal, quando Olívia pediu que Francisco saísse de casa e levasse os pertences dele. Os dois estavam em processo de separação havia dois meses e, em 26 de setembro, ela pediu à Justiça uma medida protetiva contra o companheiro,

Arquivo Pessoal



Olívia e Francisco estavam em fase de separação havia dois meses

por motivo de perseguição.

Vizinhos relataram ao Correio que o empresário não dividia mais a casa com Olívia, mas sempre a visitava. Alguns moradores do bairro sequer sabiam que os dois passavam por processo de divórcio. “Eles eram muito tranquilos. Nunca imaginei que uma coisa dessas poderia acontecer”, disse uma conhecida da família, que pediu para não ter a identidade divulgada.

Na madrugada de domingo, sons de tiros e gritos de socorro tiraram da cama muitas famílias da Quadra 207 do Pôr do Sol. Testemunhas, que relataram ouvir até cinco disparos vindos da casa de Olívia e Francisco, acionaram a polícia. No imóvel, estavam os três filhos dos empresários — uma, inclusive, grávida de quatro meses —, além de três netos do casal. Nenhum deles se feriu, pois a maioria dormia na hora do crime.

Ed Alves/CB/D.A Press



Nosso maior desafio é fazer com que a mulher entenda a gravidade do risco que ela corre. Na maioria das vezes, ela não acredita que o companheiro é capaz de matar”

Adriana Romana, delegada-chefe da Deam 2, em Ceilândia

Medidas restritivas

A delegada Adriana Romana conta que, em 2020, Olívia Makoski havia apresentado outro pedido de medida protetiva contra o marido. No entanto, pouco tempo depois, os dois reataram. À época, a vítima relatou à polícia que Francisco era verbalmente agressivo. Os dois estavam casados havia 31 anos. “Destaque (neste ano), ela estava decidida a romper o relacionamento. E ele não aceitava”, destacou.

A investigadora acrescentou que o crime poderia ter sido evitado caso algum familiar de Olívia tivesse acionado a polícia quando

os dois chegaram em casa juntos, no dia do crime. “Nosso maior desafio é fazer com que a mulher entenda a gravidade do risco que ela corre. Na maioria das vezes, ela não acredita que o companheiro é capaz de matar. Mas, se o juiz considera que a medida protetiva é necessária para a proteção dela, é preciso que ela confie e ligue para a polícia caso haja descumprimento. A situação de risco é real”, reforça Adriana.

Nesses casos, é possível ligar para os telefones 197 — da Polícia Civil — ou 190 (Polícia Militar) para denunciar o agressor. Em uma situação que a presença do denunciado é necessária para reco-

» Três perguntas / Adelina Moreira

PROFESSORA DE SERVIÇO SOCIAL E DOUTORA EM PSICOLOGIA SOCIAL PELA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE BRASÍLIA (UCB)

O que ainda precisa ser feito para combater o feminicídio?

O poder público e a sociedade precisam juntar forças: campanhas sociais, virtuais, mobilização, discussões sobre o machismo... Vivemos em uma sociedade patriarcal. E essa é a raiz do problema.

Muitas vezes, a violência se camufla e é confundida até com proteção. Como as mulheres podem se reconhecer vítimas de um relacionamento violento?

A vítima até percebe que o relacionamento não anda bem, mas começa a se questionar “Será que estou exagerando?” Nesses casos, a mulher está tão emaranhada em uma trama de sentimentos que não tem condições de identificar se vive uma relação tóxica ou abusiva. Espe-

cialmente, em relação ao abuso emocional, usado para conquistar poder e controle sobre o outro. A vítima acredita que o abusador age daquela maneira por amor ou por querer o sucesso e a proteção dela.

Enquanto sociedade, o que a população precisa entender para ajudar nessa luta contra a violência de gênero?

Sobre superar as violências: primordial e essencialmente, é preciso romper a lógica estrutural machista e patriarcal construída ao longo do tempo. Os altos índices de violência contra a mulher mostram a necessidade de se investir em políticas públicas que visem a uma transformação cultural. Somente medidas repressivas não conseguem solucionar o problema.

lher pertences, por exemplo, o apoio das forças de segurança também pode ser pedido, como forma de garantir a proteção para a vítima. A Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP-DF) tem programas de monitoramento para casos de violência doméstica com medidas restritivas. Em algumas ocasiões, há acionamento automático dos policiais, devido ao monitoramento a distância dos envolvidos.

Adriana Romana destaca que o esforço para combater feminicídios e a violência doméstica ocorre junto à comunidade, com apoio da vítima e da polícia. A delegada-chefe da Deam 2 destaca

comportamentos que servem de alerta para situações de relacionamentos abusivos, como perseguição, controle e desconfiança: “Tudo isso demonstra instabilidade emocional do parceiro e, geralmente, os casos (de agressão ou assassinato) acontecem nesse cenário. Essa é a luz que acende, e é preciso observar os sinais muito bem”. Neste ano, a segunda unidade especializada no atendimento a mulheres do DF registrou 3.170 ocorrências, sendo 90% delas de violação à Lei Maria da Penha. O registro desse tipo de crime pode ser feito em qualquer delegacia, inclusive pela internet.

Parentes e amigos dão adeus a Milena Gonçalves

» RAFAELA MARTINS

De vestido rosa, a estudante de direito Milena Gonçalves, 24 anos, foi enterrada ontem, na Capela 6 do Cemitério de Taguatinga. A voz desesperada e inconformada de Wesliana Gonçalves, mãe da jovem, ecoava pelo ambiente: “Acorda, minha filha. Acorda, minha princesa. Você está cheirosa, linda, mas vai embora? Meus dias não serão mais os mesmos. Deus, me

dê força para suportar, pois se não for o Senhor, não vou aguentar a dor que estou sentindo”, lamentou, aos prantos.

O dia deveria ser uma terça-feira normal na vida da família Gonçalves. Mas os parentes da universitária tiveram de se despedir da estudante. Cerca de 40 pessoas foram ao cemitério, para dar um último adeus à jovem.

Com salva de palmas e orações, os presentes acompanharam o momento em que os

funcionários do cemitério desceram o caixão com o corpo de Milena. “Uma vez, ela disse a mim e ao pai dela (Vanderlan Souza) que, se a gente morresse, ela não aguentaria. Essa não é a ordem natural das coisas, pois era para minha filha me enterrar. Mas Deus sabe o que faz. Pelo sangue dela que foi derramado, digo que haverá justiça. Eu vou ter força para lutar pela Milena”, declarou Wesliana.

A jovem estudava direito em

uma faculdade particular da Asa Sul e estagiava em um escritório no Setor Comercial Sul. A família de Milena descobriu que os sonhos dela acabaram na madrugada do último sábado, quando o corpo da universitária foi encontrado no apartamento em que ela morava sozinha, no Riacho Fundo 1. Ela foi encontrada seminua e com um ferimento na cabeça.

Um jovem de 28 anos, que estava no imóvel com a vítima e acionou a polícia, está detido, por

suspeita de cometer homicídio com dolo eventual — quando se assume o risco caso ocorram mortes em decorrência de uma ação. Inicialmente, a Polícia Civil arbitrou pagamento de R\$ 5 mil como fiança mil para liberação dele. No entanto, após audiência de custódia, a Justiça decidiu pela prisão preventiva do acusado. O caso segue sob investigação. Até o fechamento desta edição, a reportagem não conseguiu contato com a defesa do suspeito.

Arquivo Pessoal



A estudante de direito foi encontrada morta, no sábado

ESTUPRO COLETIVO

Polícia encerra investigações

» SAMARA SCHWINGEL

A Polícia Civil de Goiás (PCGO) encerrou, ontem, o inquérito para investigação da denúncia de estupro coletivo con-

tra uma jovem de 25 anos. O caso aconteceu em 9 de outubro, durante uma festa em Águas Lindas — a cerca de 52km do centro de Brasília. A ocorrência, sob responsabilidade da

Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher (Deam) do município, resultou na prisão preventiva de três pessoas, duas das quais foram indiciadas na segunda-feira.

O inquérito foi enviado ao Ministério Público de Goiás (MPGO), que, até a noite de ontem, não havia se manifestado. Em um dos depoimentos, a vítima mencionou a participação de cinco homens. No entanto, três foram identificados: Irineu Marques Dias, 44, subtenente da Polícia Militar do DF temporariamente afastado da

corporação; Thiago de Castro Muniz, 36; e Daniel Marques Dias, irmão de Irineu e dono da casa onde ocorreu a festa — o qual não foi indiciado.

Em nota, a defesa da vítima afirmou à reportagem que confia nas investigações. “Se não houve mais suspeitos indiciados, é porque a polícia não encontrou indícios de envolvimento no caso. E

destaco o trabalho feito pelas autoridades, que ouviram mais de 10 pessoas em um curto período de tempo. Foi excepcional”, comentou o advogado Bruno Oliveira. Os três investigados seguem presos preventivamente. A defesa deles informou que aguarda decisão sobre os pedidos de liberdade provisória apresentados à Justiça em 14 de outubro.